

CRISÁLIDAS, SEGUNDO TEMPO

Crisálidas foi o primeiro livro de poesias que Machado de Assis publicou – o que ocorreu em 1864. Desde 1854, no entanto, o poeta vinha publicando poesias em periódicos. Quando apareceu seu primeiro livro de versos, o poeta já havia escrito mais de uma centena de poemas – tendo publicado a maior parte dessa produção. Não nos surpreende, pois, que muitas das composições que incluiu no primeiro livro já tivessem sido divulgadas; dos poemas do livro, a peça mais antiga era 1858, o poema “Monte Alverne”, composto e publicado por ocasião da morte do célebre pregador.

A obra trazia 28 poemas do autor e um poema de Faustino Xavier de Novais – “Embirração” – composto em resposta ao poema “Aspiração”, que Machado de Assis lhe dedicara. Havia no livro poemas inéditos, além de alguns já divulgados na imprensa. A obra trazia também um prefácio de Caetano Filgueiras e um posfácio – “Carta ao dr. Caetano Filgueiras” –, além de notas a alguns poemas e uma errata.

Quando organizou suas *Poesias completas*, que foram publicadas em 1901 por H. Garnier, Machado de Assis excluiu de *Crisálidas* dezesseis composições suas, além de um fragmento da terceira parte dos “Versos a Corina” e do poema de Faustino Xavier de Novais – assim como a dedicatória do volume, as notas, o prefácio e o posfácio. Permaneceram no livro apenas doze poemas.

Na forma em que foi publicado em 1864, o livro nunca mais reapareceu. Duas tentativas, entretanto, foram feitas. Em 2000, Oséias Ferraz preparou uma edição da obra, com a intenção de restituí-la à sua forma primeira; entretanto, embora trouxesse todos os textos da primeira edição, houve algumas falhas em sua reconstituição – a edição não era fac-similar. Em 2008, Cláudio Murilo Leal, em *Toda poesia de Machado de Assis*, pretendeu restituir ao livro sua forma original; porém, embora o tenha feito no tocante à ordenação dos poemas no interior do livro, utilizou os textos na forma em que

vinham na edição crítica das *Poesias completas* preparada pela Comissão Machado de Assis (que teve duas edições pela Civilização Brasileira, a primeira em 1976, a segunda em 1977). O texto-base da edição crítica, no caso dos poemas que Machado de Assis conservara no livro, foi o das *Poesias completas*, de 1901. Com isso, Cláudio Murilo Leal reconstituiu a obra *Crisálidas*, tal como era na primeira edição, utilizando os textos da segunda edição. O poeta havia feito algumas pequenas alterações em diversos pontos do livro, e havia, também, suprimido um trecho dos “Versos a Corina”. O resultado foi uma obra que não é a de 1864; falta-lhe, por exemplo, o verso escolhido pelos acadêmicos para ser posto ao pé da estátua do poeta, que fica na entrada na Academia Brasileira de Letras – “Esta a glória que fica, eleva, honra e consola” –, pois o verso se encontra justamente no trecho suprimido da terceira parte dos “Versos a Corina” (que não existe na edição de 1901 e vem numa nota de rodapé na edição crítica de 1976).

Essa ideia de reconstituir o livro conforme a primeira edição, porém com os textos da segunda, já havia sido defendida por Antônio Houaiss – que orientou grande parte das edições críticas da Comissão Machado de Assis e elaborou os critérios nelas adotados –, num prefácio que escreveu para a edição crítica das *Poesias completas*. Esse prefácio não saiu no livro, nem a edição crítica foi feita segundo essa orientação. Na edição crítica, os poemas excluídos pelo autor foram incluídos na obra, logo em seguida ao último poema, sem frontispício divisório, mas com a indicação, posta abaixo do título, entre parênteses, da posição ocupada por cada um deles na primeira edição.

Esses poemas excluídos da obra pelo autor começaram a retornar ao livro (não só os de *Crisálidas*, mas também os de *Falenas* e o único excluído de *Americanas*) – em seção à parte, separados dos outros por um frontispício divisório que dizia “Crisálidas / (Da 1.^a edição)”, na primeira edição das *Poesias completas* publicada pela editora W. M. Jackson. Esta edição trazia uma “Nota dos Editores”, de que transcrevemos dois parágrafos:

Tratando-se, porém, agora, de uma edição completa da obra de Machado de Assis, entendemos que não poderíamos esquecer aquelas poesias outrora refugadas pelo poeta. Por isto vão elas incluídas nos respectivos livros.

Para que o leitor possa, todavia, ter uma ideia do senso crítico do poeta, colocamo-las no fim das respectivas coleções. Destarte, ver-se-á o que foi desprezado pelo autor e aproveitado na presente edição.

A promessa dos editores não foi integralmente cumprida; sete dos poemas excluídos de *Crisálidas* pelo poeta, assim como o fragmento dos “Versos a Corina”, não retornaram ao livro na edição de 1937. Só na edição das *Poesias completas* de 1953 a editora W. M. Jackson incluiu todos os poemas suprimidos do livro pelo autor.

Na série das edições da *Obra completa*, das editoras José Aguilar e Nova Aguilar, o conjunto dos poemas excluídos vem na seção “Poesias coligidas” – separados, portanto, dos livros em que apareceram originalmente.

Na edição de *A poesia completa*, por Rutzkaya Queirós dos Reis, há uma seção específica para os poemas excluídos, intitulada “Primeiras edições” – seção que “reúne os poemas que compuseram a primeira edição dos volumes *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870) e *Americanas* (1875), excluídos por Machado de Assis de suas *Poesias Completas* (1901).”

Os poemas que Machado de Assis excluiu de *Crisálidas* foram por nós editados e podem ser lidos no v. 3, n. 5, do primeiro semestre de 2020, deste periódico.

Este número da *Machadiana Eletrônica* traz os poemas da obra *Crisálidas*, tal como figuram na forma definitiva que o poeta lhes deu, nas *Poesias completas*, de 1901. A forma do livro, nesta segunda edição, foi alterada pelo autor não apenas com a supressão de mais da metade dos poemas, mas, também, pela reorganização interna dos textos, que não aparecem aí na mesma ordem em que vinham na edição de 1864. Daí o “segundo tempo”, no título deste editorial. Nas *Poesias completas*, o livro *Crisálidas* apareceu em nova conformação, passou a existir numa “segunda” forma – que o próprio poeta lhe deu.

José Américo Miranda
Belo Horizonte, 21 de março de 2023.